



COELHO DE MORAES

ROTEIRO  
MACÁRIO

BASEADO NA OBRA DE ÁLVARES DE AZEVEDO

# MACÁRIO

Direitos de Cópia e Uso  
Cecília Bacci & Guilherme Giordano  
[ceciliabaccibscm@yahoo.com.br](mailto:ceciliabaccibscm@yahoo.com.br)  
[menuraiz@hotmail.com](mailto:menuraiz@hotmail.com)

**EDITORA ALTERNATIVAMENTE**  
[produtoresindependentes@yahoo.com.br](mailto:produtoresindependentes@yahoo.com.br)  
TIRAGEM 20 000 POR E-MAIL

FONTE EXCLUSIVA DE DOWNLOAD  
<http://www.paginadeideias.com.br>  
Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa  
COELHO DE MORAES  
Sobre foto de Jorge Nunes  
Serra dos Macários  
[coelho.de.moraes@bol.com.br](mailto:coelho.de.moraes@bol.com.br)

Cidade de Mococa  
AGOSTO  
São Paulo  
2010

# MACÁRIO

Baseado na obra de Álvares de Azevedo

Roteiro de Coelho de Moraes

2º trato

---

Direitos cópia para [coelhomoraes@terra.com.br](mailto:coelhomoraes@terra.com.br)

Texto Arquivado na Biblioteca Municipal de Mococa

## PRÓLOGO

(o arauto que abrirá as cortinas do espetáculo diz o texto abaixo num cenário que pode ser teatro ou do teatro abrindo as portas para o mundo de Macário.

A coisa deve ir num crescendo e o arauto domina a cena)

É difícil marcar o lugar onde para o homem e começa o animal, onde cessa a alma e começa o instinto —onde a paixão se torna ferocidade. É difícil marcar onde deve parar o galope do sangue nas artérias, e a violência da dor no crânio.

Contudo, deve haver e o há—um limite às expansões do ator, para que não haja exageração, nem degenerar num papel de fera o papel de homem.

O ator fez o papel que devia— não exagerou—, representou a fera na sua fúria,—uma fera, onde havia um amor poético por uma flor—e uma estampa!

É que as nódoas de sangue quando caem no chão não têm forma geométrica. As agonias da paixão, do desespero e do ciúme ardente quando coam num sangue tropical não se derretem em alexandrinos, não se modulam nas falas banais dessa poesia de convenção que se chama—conveniências dramáticas.

Mas se eu imaginasse primeiro a minha idéia, se a não escrevesse como um sonâmbulo, ou como falava a Pitonisa convulsa agitando-se na trípode, se pudesse, antes de fazer meu quadro, traçar as linhas no painel, fá-lo-ia regular.

Esse é apenas como tudo que até hoje tenho esboçado, como um romance que escrevi numa noite de insônia —como um poema que cisme numa semana de febre —uma aberração dos princípios da ciência, uma exceção às minhas regras mais íntimas e sistemáticas. Esse drama é apenas uma inspiração confusa—rápida— que realizei à pressa como um pintor febril e trêmulo.

Vago como uma aspiração espontânea, incerto como um sonho.

## CENA 1

EXT/INT – NOITE . ESTALAGEM

(trovões e relâmpagos que surgem no fim do prólogo como se abrissem as cortinas / ainda não há chuva mas ela se aproxima / rua de aspecto pouco normal / pouco convencional / poucos passantes / a noite se fecha / nos aproximamos da porta acompanhando um rapaz que sugere de um dos lados / é Macário sobre montaria / desce / prende o burro / tira os malotes /

cumprimenta rapidamente um passante / entra / o sino da porta toca / passa por comensais – homens e mulheres / olha para a mulher do balcão que lhe vira a cara / vai direto ao quarto / em toda a cena da estalagem prepondera o burburinho surdo de gente que come e bebe e conversa sem alardes / num local popular)

MACÁRIO

(falando para dentro do balcão)

Olá, mulher! Ponha na sala uma garrafa de vinho, faça a cama e manda vir a ceia: palavra de honra que estou com fome! (isso incomoda os comensais) Dêem alguma ponta de charuto ao burro que está suado como um frade bêbedo! Não esqueça o vinho!

CORTE

(homem caminha na rua aproximando-se da estalagem / passo firmes / usa uma bengala)

CORTE

MULHER

(trabalhando na despensa ou atrás do balcão)

Nós temos pinga, só... mas é muito da boa.

MACÁRIO

Pinga!

(surge, um tanto nervoso e vai até o balcão/ balte a mão) Pensa que sou algum jornalista cachaceiro?... (a mulher se assusta) Andei 12 quilômetros em lombo de burro e estou com a goela seca.

( trovão / volta para seu quarto / grita de lá de dentro) Ó mulher maldita! aposto que também não tem água?

A MULHER

(desperta da modorra e toma de uma jarra cristalina)

Tem sim... tem sim... E pura, senhor! Corre ali embaixo uma fonte que é limpa como o vidro e fria como uma noite de geada.

CORTE

(homem que caminha / visto sob silhueta contra um aluz de poste e iluminando pr raios / na rua aproxima-se da estalagem / passo firmes / pára aos poucos defronte da estalagem e ouve o murmúrio da discussão)

CORTE

MACÁRIO

(desfazendo as malas)

Tá ai o resultado das viagens. Um burro frouxo, uma garrafa vazia. (Tira uma garrafa do bolso). Conhaque! (bebe / estala a língua / vai á janela dar uma olhada / vê o caminhante de costas / olha para a garrafa de metal) Belo companheiro de viagem. (bebe) É silencioso como um vigário, mas no silêncio que inspira, como nas noites de luar, ergue-se às vezes um canto misterioso que enleva! (Macário se enleva olhando para o teto) Conhaque! Não te ama quem não te entende! (se afasta do quarto e vai para o salão / olha para os comensais nas mesas / trocam olhares pouco amistoso / retorna ao quarto ) não te amam essas bocas de viado acostumadas ao mel enjoado da vida, que não querem prazeres desconhecidos, sensações mais fortes! (bebe / acaba de beber tudo / joga a garrafa sobre a cama) Agoa está vazia, minha garrafa! (pula comediante sobrte aq cama / agarra a garrafa e a beija) ... vazia como mulher bela que morreu!

(levanta-se brusco / volta pa sala de comensais e vai direto ao balcão / procura mas não vê a mulher / decepcionado)

E não ter nem um gole de vinho! (os comensais começam a reclamar queixando-se de Macário) Quando não há o amor, há o vinho; (olha para as mulheres que ali estão / elas devolvem olhares variados entre amor e ódio) quando não há o vinho, há pelo menos o fumo / tem cigarro aí? (olha para os homens que ali estão / eles devolvem olhares variados entre amor e ódio)... Não? (o caminhante entra / a porta range e toca um determinado sino sem que ninguém dê por ele e fica ao funo / em sombra / só vulto)... quando não há amor, nem vinho, nem fumo, há o spleen.

COMENSAL

(fala para sua companheira de mesa)

Deve ser um desses atores vagabundos...

(Entra a MULHER DO BALCÃO com uma bandeja / Macário olha para ela e passa a mão nos seus ombros / ela tenta se livrar ao mesmo tempo não pode ser descortes com o freguês).

O spleen encarnado na sua forma mais lúgubre na velha taverneira... (dá um tapá no trasaeiro dela / risadas / aspira o pescoço da mulher)... com cheiro de pinga!

MULHER

(de péssima vontade / depoista os pratos na mesa)

Tá aqui a ceia.

MACÁRIO

Ceia! que diabo de comida verde é essa? Será algum feixe de capim? (empurra o prato)  
Leva para o burro.

A MULHER

São couves.

MACÁRIO

Leva para o burro.

A MULHER

É fritado em tocinho. O senhor vai gostar...

MACÁRIO

(grita)

Leva para o burro com todos os diabos!

(Macário Atira-lhe o prato / A mulher sai / Os comensais tentam segurar Macário que está muito nervoso / ele se livra / Macário pega pão e qualquer coisa / um amontado de comida qualquer / de sobre o balcão e vai para a mesa comer a comida).

CORTE

(Várias cenas de rua com a chuva / vento e relâmpagos / sombras e nêgas)

CORTE

UM DESCONHECIDO

( Aquele que entrou e está ao fundo / um tema sinistro ou coroado de símbolos / o sujeito olha para todos / se livra das águas da chuva que começara a cair mais forte/girando para observar a todos acaba em Macário que come solitário / o Desconhecido se aproxima e para ao lado de Macário)

Boa-noite, companheiro.

MACÁRIO

(comendo / rosna sem olhar)

Boa-noite!

O DESCONHECIDO

Parece que está com uma fome e tanto!

MACÁRIO

Tá... já entendi... Quer comer? senta.

( O Desconhecido faz sinal de que não)

Quer conversar? espera um pouco.

(pausa)

O DESCONHECIDO

Espero.

(Senta-se / Macário olha supreso. Não dera permissão / os comensais / alguns saem outros permanecem / às vezes olham os dois / Macário atenta para o Desconhecido)

MACÁRIO

(comendo / rumor de ambiente)

Parece que a gente já se viu, antes... que não é a primeira vez que o encontro.

CORTE

EXT. NOITE. SERRA

(Macário a cavalo... ao subir da garganta da serra... Um vulto com um ponche vermelho e preto roçou a bota peça perna de Macário... Macário se volta / só vê o vulto com seu ponche cobrindo metade da cara / um frio de gelo em Macário)

CORTE

MACÁRIO

(lembrando)

Tal e qual—por sinal que era fria como o focinho de um cão.

O DESCONHECIDO

(riso simples com a expressão)

Era eu.

MACÁRIO

(fechando os olhos para lembrar e testar o outro)

Há um lugar em que se estendeum vale cheio de grama.

(mastiga, enquanto olha o Desconhecido)

À direita corre uma torrente que corta a estrada pela frente.

Há uma ladeira mal calçada que se perde pelo mato...

O DESCONHECIDO

Aí nos encontremos... outra vez... (olha para o balcão) A propósito, não bebe ?

MACÁRIO

Não sabe? Essa maldita mulher só tem pinga... cachaça sei lá de onde... (posando de nobre ; com a boca cheia de pão)... e eu que sou capaz de amar a mulher do povo como a filha da aristocracia, não posso beber esse vinho de capiria... sertanejo...

O DESCONHECIDO

(Tira uma garrafa de metalornado do bolso / uma obra de arte em garrafa / levanta-se e pega dois copos sobre o balcão e derrama vinho no copo de Macário).

Ah! Se era vinho o que queria é vinho o que terá!

MACÁRIO

Vinho! (Bebe). À fé que é vinho de Madeira! À saúde, cavalheiro, vamos brindar!

O DESCONHECIDO

À saúde.

(Tocam os copos / tilintar exuberante no salão / todos olham)

MACÁRIO

(estende a mão)

Macário... meu nome é Macário.

(o outro aperta a mão de Macário mas nada diz)

Tem as mão tão fria! Tá ruim assim lá fora?

O DESCONHECIDO

É da chuva. (Sacode o poncho que o cobria). Vê: ainda estou molhado até os ossos!

MACÁRIO

(se recosta na cadeira / mira o desconhecido / bebe mais do vinho / dá um arroteo polido / bate na barriga)

Desculpa... Agora acabei: (pausa) conversemos, então... o que é que você quer?

O DESCONHECIDO

Macário... você me viu mais duas... sim, duas vezes. Eu o vi ainda outra vez. Era na serra, no alto da serra.

CORTE

TARDE. EXT. MONTANHAS. VALES. RIO

(A tarde caía, os vapores azulados do horizonte se escureciam. Um vento frio sacudia as folhas da montanha e Macário contempla a tarde que cai. Além, nesse horizonte, o mar / vale, como bando de gaivotas brancas sentadas num paul, a cidade que algumas horas antes tínheis deixado. Macário olha os arvoredos que vos rodeavam, ao precipício cheio das flores azuladas e vermelhas das trepadeiras, às torrentes que mugiam no fundo do abismo / cachoeira imensa / rochedos negros / Macário olha com um ar perfeitamente romântico se levanta e sai a andar / No caminho uma mulher sentada no chão acalenta um homem com a cabeça deitada no seu regaço / Macário os olha)

MACÁRIO

(cismando)

Morrer! morrer!

(Mulher acalenta a uma pessoa / ao longe PENSEROSO absorto na paisagem)

O amor embebeda os sentidos... ai acabou-se.

(anda pela grama)

Amanhã não pode ser tão belo como hoje.

(se aproxima do casal)

Olá, mulher, sai do caminho. Quero passar.

A MULHER

(sussurra forte)

Quieto ... ele dorme. Está cansado... coitado!

MACÁRIO

(vira-se / debochado)

Pálido... É teu amante?

(Macário ajoelha-se e põe a mão na testa do rapaz que está deitado)

Como está pálido... Que testa fria...

(Macário se ergue, assustado)

Mulher! louca mulher, isso é um cadáver! Esse acara está morto!

A MULHER

Um defunto?... não. . . ele dorme: não vê? É meu filho... O tiraram das águas do rio...

Coitado! como está frio... é das águas...

(a mulher realmente parece mesmo meio patsa)

! meu filho! é impossível... ele é a minha esperança, meu sangue, minha vida.

(ela olha esgazeado como louca)

É meu passado de moça, meus amores de velha... Ele não pode ter morrido...

MACÁRIO

Velha! está doida.

A MULHER

Não morreu, não. Ele está dormindo. Amanhã acordará...

Há muito tempo que ele dorme... Que sono profundo! nem um rressonar!

(ela ri desnortada)

Ele foi sempre assim desde criança Quando eu o embalava ao meu seio, ele às vezes empalidecia que parecia um morto, tanto era pálido e frio! Meu filho! Vou aquecê-lo...

MACÁRIO

Pobre mãe!

A MULHER

Fala mais baixo. Eu pedi ao vento que se calasse, ao rio que emudecesse . tudo é silêncio. Escuta: sabe tocar? Pega da viola, canta alguma cantiga da tua terra.

(abraça a cabeça do rapaz)

Dizem que a música faz ter sonhos sossegados

MACÁRIO

Sonhos! (Passa adiante). Esta mulher está doida. Eu vi carregarem seu cadáver úmido e gelado. Pobre Mãe! Embala o rapaz acreditando que embala a vida. Louca! Feliz talvez! quem sabe se a ventura não é a loucura?

CORTE

INT. ESTALAGEM.

O DESCONHECIDO

Por acaso é um desses poeta?

MACÁRIO

(displiscente)

Engana-se. Minha mula estava cansada. Sentei ali para descansar... eu e a mula... Não sabia que ia encontrar a tal mulher, nesmo mesmo o tal poeta PENSEROSO... Esperei que o fresco da neblina dessas forças para ela...

O DESCONHECIDO

Para a mulher?

MACÁRIO

Não... para a mula... Se é mque você mne viu mesmo... naquela hora eu me divertia em atirar pedras no despenhadeiro e contar os saltos que davam até chegar lá embaixo.

O DESCONHECIDO

É um divertimento agradável.

MACÁRIO

(levanta para apanhar uma sobremesa /  
oferece ao DESCONHECIDO que não quer)

Nem mais nem menos que cuspir num poço, matar moscas, ou olhar para a fumaça de um cachimbo. (como se lembrasse) A minha mala... (Chega à bancada). Ó mulher da casa! olá! o de casa! (bate na bancada)

UMAVOZ

(de fora)

Senhor!

MACÁRIO

Desamarra a mala de meu burro e traga aqui .

(para o Desconhecido)

Deve estar com pletamenbte ensopada a uma hora dessas...

A VOZ

Desamarrar o burro? Mas está chovendo, senhor.

MACÁRIO

(irritado)

Não o burro... A mala, a mala, o burro não!

A VOZ

A mala com o burro?

MACÁRIO

Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.

A VOZ

Mas não percebe o tamanho da chuva, meu senhor?

MACÁRIO

Este problema é teu.

A VOZ

O senhor é o moço que chegou primeiro?

MACÁRIO

Primeiro mque o que? Não sabe quanmdo eu chjeguei?

(para o Desconhecido)

[Não sei como lucram com essa administração de estalagem...

(para a voz)

Sim... cveguei primeiro, isso,... agora vai ber o burro... Mas vai ver o burro.

(pausa)

A VOZ

É um moço que parece estudante?

MACÁRIO

Sim. Mas anda com a mala. Isso está me irritando.

A VOZ

Mas como é que vou buscar a mala? Quer que vá a pé?

MACÁRIO

(para o Desconhecido)

Esse diabo é doido!

(grita para fora)

Vai a pé, ou monta numa vassoura como tua mãe!

(pausa)

A VOZ

Issh! (pausa) Descansa, moço. O burro vai aparecer. Vamos procurar de madrugada

OUTRA VOZ

Havia de ir pelo caminho do Nhô Quito. Eu conheço o burro...

MACÁRIO

E minha mala?

A VOZ

Não vê? Está chovendo a potes!...

MACÁRIO

(se afasta do balcão / fecha a janela).

Malditos!

(Atira com a cadeira no chão / pausa / o Desconhecido o observa)

O DESCONHECIDO

Que tem, companheiro?

MACÁRIO

Não vê? O burro fugiu...

O DESCONHECIDO

Não será quebrando cadeiras que o chamará de volta... Além do mais... quem amarraou mal o tal burro?

MACÁRIO

Porém a raiva...

O DESCONHECIDO

Bebe mais um copo de Madeira. (Bebem).

Leva de certo alguma preciosidade na mala? (Sorri-se).

MACÁRIO

Sim...

O DESCONHECIDO

Dinheiro?

MACÁRIO

Não, mas...

O DESCONHECIDO

A coleção completa de cartas de namoro, algum poema em borrão, alguma carta de recomendação?

MACÁRIO

Nem isso, nem aquilo... Levo...

O DESCONHECIDO

A mala não pareceu-me muito cheia. Senti alguma coisa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?

CORTE

## CENA 2

(Cenas de amor intenso / selvagem / de Macário e alguma garota/ então surge uma pessoa no quarto / o marido? / há luta / Macário leva a pior / cai no chão / o marido toma do revólver e aponta para a garota / Macário toma de roupas que estão á mão / salta pela janela /ouve um tiro / no chão vê que carrega a foto da garota e um colar / no final ele se levanta / e foge correndo / ouve mais tiros...)

CORTE

MACÁRIO

(olhar aturdido como se acordasse)

Não! não! mil vezes não! Nem pode adivinhar..., uma perda imensa, irreparável... era o meu cachimbo ..

O DESCONHECIDO

Fuma?

MACÁRIO

Pergunta de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher— não me pergunte de fumo! Claro que fumo!

O DESCONHECTDO

( Dá-lhe um cachimbo. )

Eis aí um cachimbo primoroso. É de puro coral do mar. O tubo é de pau de cereja. O bocal é de âmbar.

MACÁRIO

Caceta! Uma Sultana o fumaria! O rei da etiópia fumaria numa coisa dessas... E fumo, tem também?

O DESCONHECIDO

(franze a testa)

O que tenho aqui é uma invenção nova. O cachimbo dispensa qualquer tipo de fumo. É uma novidade. O próprio corpo dele faz o serviço... Acende na vela.

(Macário acende / fumaça aprece / traga / refestala-se na cadeira).

### CENA 3

EXT. NOITE. NÉVOA LEVE QUE SURGE

(Macário está olhando para a Mulher com o filho morto / Mais longe, sentado num rochedo à beira do rio, está Penseroso cismando).

PENSEROSO

(Olha para a cidade como que hipnotizado / grilos / Lua e nuvens sob a lua / o sino bate duas horas / a cidade ao fundo / flores pálidas da noite / Tudo dorme / além, junto das fogueiras os homens da montanha e do vale conversam / Mais longe a viola se mistura à cantilena do sertanejo / O rio / quebra nas pedras / PENSEROSO aspira o ar e parece acordar do mesmerismo)

É doce sonhar quando se ama.

(vira-se para Macário)

No que estará ela pensando agora? lembra-se de mim? Dorme e sonha comigo? Será que ela sente saudades?

MACÁRIO

( passando)

Penseroso! Boa noite, Penseroso!

PENSEROSO

Boa noite, Macário. Onde vai tão sombrio?

MACÁRIO

(sombrio mesmo / refletindo / meio sorriso)

Vou morrer.

PENSEROSO

(sem perder o pique nem se espantar)

Você vai morrer e eu sonhava com o amor!

MACÁRIO

(sorrindo debochado)

Você é um imbecil e eu vou morrer!

PENSEROSO

(sorri)

Está brincando...

MACÁRIO

É um sorriso triste, não? Eu juro pela alma de minha mãe que vou morrer.

PENSEROSO

Morrer! tão moço! E não tem pena dos que chorarão por você?

MACÁRIO

Não; não tenho mãe. Minha mãe não me embalará endoidecida entre seus joelhos  
(tomada da mãe que embala o filho morto)

... Ninguém chorará. Não tenho mãe.

PENSEROSO

não ama!? Você não ama?

MACÁRIO

Amo— amo sim. Passei toda esta noite trepando bastante... ela era pura e virgem como os anjos... era... aí seu pai apareceu... (tenta andar e cambaleia)

PENSEROSO

E era mesmo o pai dela?

MACÁRIO

Bom... agora tanto faz...

PENSEROSO

Bebeu?

MACÁRIO

(heróico/cheio de carisma e interpretação teatral / enquanto relata cenas de sexo selvagem)

Bêbedo... sim—ébrio de amor—de prazer. (espreguiça-se)

Aquela criança inocente me embebedou de gozo. Que noite! Parece que meu corpo desfalece. E minha alma cansada de tanta foda... ôpa... desculpe... (cínico) absorta de ternura de tanto amor... (ri) só tem um pensamento (tira um chapéu invisível)... morrer!

PENSEROSO

Amar e não querer viver!

MACÁRIO

(mais cínico ainda)

Ela era muito bela... Um mundo novo se abriu ante mim. Amei.

PENSEROSO

Macário... Não é verdade que a mulher é um anjo?

MACÁRIO

Sim—é um anjo que nos adormece, e nos seus braços nos leva a uma região de sonhos de harmonias desconhecidas. Sua alma se perde conosco num infinito de amor...

(bebe)

... sim! Se na vida há uma coisa real e divina é a arte—e na arte se há um raio do céu é na música. Na música que nos vibra as cordas da alma, que nos acorda da modorra da existência a alma embotada... que parece que nos faz desfalecer, amar, e morrer!

PENSEROSO

Eu amei, eu amo muito. Sabe...

MACÁRIO

Seria bom morrer encima das tetas gostosas... não é?

PENSEROSO

Amar de joelhos enquanto se reza... roçar de leve num beijo os cílios dela... medo de suspirar seu nome!

MACÁRIO

Morrer numa noite de amor / dentro da mulher... Nos lábios perfumados da ITALIANA... dormir e não acordar!

(Macário cai e fica no chão com a garrafa na mão)

PENSEROSO

Repousa a cabeça, Macário... O luar está belo, e ...

(olha para o Macário que está adormecido na relva / sorri / olha para a mulher ao fundo)

MACÁRIO

Se eu pudesse morrer!

(Desmaia em definitivo / Penseroso se assusta / tenta acudir o amigo / dá tapinhas em seu rosto / nisso ouve passos / Macário acorda repentinamente na estalagem ).

CORTE

MACÁRIO

(acorda / tira o cachimbo / olha-o / é observado pelo Desconhecido)

Me parece um fumo especial. E você? Não fuma?... Posso chamá-lo de você?

O DESCONHECIDO

Não se importe comigo.

(Tira outro cachimbo e fuma)

MACÁRIO

É um perfeito companheiro de viagem. Teu nome, qual é?

O DESCONHECIDO

Perguntei o teu?

MACÁRIO

Não... mas eu já disse assim mesmo... O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estúpido, pouco importa. Duas palavras só: amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.

O DESCONHECIDO

É... você obedece a receita do românticos... É um digno rapaz. És feito como se deve. Talvez até seja poeta... será advogado, no futuro?

MACÁRIO

Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso.

(ri, meio chapado)

Quem não quer ser juiz? Mordomias... salário pago para atrasar as causas... Quem não quer ser juiz?

O DESCONHECIDO

E poeta... juiz e poeta...

MACÁRIO

Quanto a essa coisa de canto dos passarinhos, de luar sonolento, noites límpidas, acho isso sumamente insípido, chato, monótono... tem gente que sabe fazer isso muito bem... gente chata que dói... Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.

O DESCONHECIDO

E a poesia?

MACÁRIO

Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de cobre; não há mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha essa moedinha azinhavrada. Entende?

O DESCONHECIDO

Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e comum. Antigamente faziam poesia para o povo; hoje o povo a faz para ninguém .

MACÁRIO

( bebe )

Eu dizia... (tonto e zonzoso)... Do que é que eu dizo mesmo?

O DESCONHECIDO

Não sei. Parece-me que falávamos sobre o Papa.

MACÁRIO

Não sei: creio que o vinho subiu-me à cabeça. Puh! O teu cachimbo tem um sarro que fede! O começo foi bom mas o fim...

O DESCONHECIDO

Você está triste, moço... Palavra que eu desejaria ver essa tua poesia.

MACÁRIO

Pra quê?

O DESCONHECIDO

Porque haveria de ser alegre como Arlequim assistindo a seu enterro...

MACÁRIO

Poesias a quê?

O DESCONHECIDO

À luz, ao céu, ao mar...

MACÁRIO

Mar é uma coisa soberanamente insípida... O enjôo é tudo quanto há de mais prosaico. (levanta-se e anda pela sala já quase vazia / teatral) Sou daqueles de quem fala o corsário de Byron "whose soul would sicken o'er the heaving wave". Aquelas almas (entre aspas) poéticas que que vomitariam sobre as ondas...

O DESCONHECIDO

E enjoa a bordo?

MACÁRIO

É a única semelhança que tenho com D. Juan.

O DESCONHECIDO

Modéstia!

MACÁRIO

Pergunta à taverneira se apertei-lhe o cotovelo, pisquei-lhe o olho, ou pus-lhe a mão nas sua tetas molengas...

O DESCONHECIDO

A taverneira? Eu a vi... Um verdadeiro dragão!

MACÁRIO

Uma mulher! Todas elas são assim. As que não são assim por fora o são por dentro. Algumas em falta de cabelos na cabeça os têm no coração. As mulheres são como as espadas, às vezes a bainha é de ouro e de esmalte e a folha é ferrugenta.

O DESCONHECIDO

Fala como um describebe céptico, como um saciado! E contudo ainda tem os beijos de criança! Quantos seios de mulher beijou além do seio de tua ama de leite? Quantos lábios além dos de tua irmã?

MACÁRIO

ôPa! Nunca beijei minha irmã... Agora... as minhas noites... A vagabunda que dorme nas ruas, a mulher que se vende corpo e alma, porque sua alma é tão desbotada como seu corpo... Talvez muita virgem tenha suspirado por mim! Talvez agora mesmo alguma donzela se ajoelhe na cama e reze por mim!

O DESCONHECIDO

(aperta os olhos)

Na verdade você é muito belo. Que idade tem?

MACÁRIO

Vinte anos. Mas meu peito tem batido nesses vinte anos tantas vezes como se tivesse quarenta.

O DESCONHECIDO

E amou muito?

MACÁRIO

Sim e não. Sempre e nunca.

O DESCONHECIDO

Fala claro.

MACÁRIO

Mais claro que o dia.

CORTE

(amor a troca de duas temperaturas / o aperto de dois sexos, a convulsão de dois peitos que arquejam, o beijo de duas bocas que tremem, de duas vidas que se fundem / a fala sobre o texto)

... tenho amado muito e sempre!

( Macário está sonhando com a cabeça nas relvas / chora / adivinha o perfume dela na brisa, levanta os braços às aves, à manhã, à noite, ouve agradavelmente uma canção / funde-se o céu com ao rosto de várias mulhgres que se sucedem)

CORTE

Não... eu nunca amei. Ainda não achei uma mulher assim.

Mas depois desta vem outra— mais outra—e o amor se desfaz numa saudade que se desfaz no esquecimento... que se desfaz... que se desfaz... Como eu te disse, nunca amei. E sempre amei...

O DESCONHECIDO

Ter vinte anos e nunca ter amado! E para quando espera o amor?

MACÁRIO

Não sei. Talvez eu ame quando estiver impotente!

O DESCONHECIDO

E o que exigiria para a mulher de teus amores?

MACÁRIO

Pouca coisa. Beleza, virgindade, inocência, amor

O DESCONHECIDO

(irônico / riso surdo)

Virgindade (outra riso) Mais nada?

MACÁRIO

Note que por beleza indico um corpo bem feito, desses de revista / desse que se mostra pro aí, arredondado, setinoso, uma pele macia e rosada, um cabelo de seda-froixa e uns pés mimosos...

O DESCONHECIDO

Nesse caso as negras estarão fora... Você não quer negras e quer brancas virgens... entendi bem?

MACÁRIO

Branças virgens na alma como no corpo.

Queria que a mulher nunca tivesse sentido a menor emoção por ninguém. Nem por um primo, nem por um irmão. Que Deus a tivesse criado adormecida na alma até ver-me como aquelas princesas encantadas dos contos—que uma fada adormecera por cem anos.

CORTE

(Macário pela relva / Mulher em redoma de vidro / adormecida / Ele se aproxima / retira a redoma / a beija / ela acorda / o abraça / sobre ela um anjo segurando um véu )

Queria que um anjo a cobrisse sempre com seu véu, e a banhasse todas as noites do seu óleo divino para guardá-la santa! Queria que ela viesse criança transformar-se em mulher nos meus beijos.

CORTE

O DESCONHECIDO

Muito bem, rapaz! E espera essa mulher?

MACÁRIO

Quem sabe!?

O DESCONHECIDO

E é no lodo da prostituição que há- de encontrá-la?

MACÁRIO

Talvez! É no lodo do oceano que se encontram as pérolas.

O DESCONHECIDO

Em mau lugar procura a virgindade! Aliás, está aí um assunto delicado e um pouco fora de moda... É mais fácil achar uma pérola na casa de um joalheiro que no meio das areias do fundo do mar.

MACÁRIO

Poesia... Quem sabe!?

O DESCONHECIDO

Duvida?

MACÁRIO

Duvido sempre. Descreio às vezes. Parece-me que este mundo é um logro. O amor, a glória, a virgindade, tudo é uma ilusão.

O DESCONHECIDO

Tem razão: a virgindade é uma ilusão! Qual é mais virgem, aquela que é deflorada dormindo, ou a freira que ardente de lágrimas e desejos se revolve na sua cela, na sua caminha de paus, rompendo com as mãos sua roupa de morte, lendo algum romance impuro?

MACÁRIO

Tem razão: a virgindade da alma pode existir numa prostituta, e não existir numa virgem de corpo. (debochando e brincando com as frases). Há flores sem perfume, e perfume sem flores. Mas eu não sou como os outros.

O DESCONHECIDO

E contudo bebe o amor nos lábios de argila da mulher vagabunda!

MACÁRIO

O amor? Mas, quem te disse que era amor? É uma fome impura que se sacia. O corpo faminto morderia até num cadáver.

O DESCONHECIDO

Tua comparação é exata. A puta é um cadáver.

MACÁRIO

Vale ao menos que sobre o peito dela não se morre de frio!

O DESCONHECIDO

Estou admirado de uma coisa. Tem vinte anos: deveria ser puro, pelo menos ingênuo, como um anjo e é devasso como um religioso!

MACÁRIO

Não é que eu não voltasse meus sonhos para o céu. A cisterna também abre seus lábios para Deus, e pede-lhe uma água pura—e o mais das vezes só tem lodo. Palavra de honra—que às vezes quero fazer-me frade.

O DESCONHECIDO

Frade! Para quê?

MACÁRIO

É uma loucura. Enche esse copo.

(Bebe) Pela Virgem Maria! Tenho sono. Vou dormir.

(vai saindo)

O DESCONHECIDO

E eu também Boa-noite.

MACÁRIO

(volta-se)

Ainda uma vez, antes de dormir, qual é o teu nome?

O DESCONHECIDO

Insiste nisso?

MACÁRIO

De todo o meu coração. Sou filho de mulher.

O DESCONHECIDO

Aperta minha mão. Quero ver se treme nesse aperto ouvindo meu nome.

MACÁRIO

Juro-te que não, ainda que fosse... já apertei e nada aconteceu.

O DESCONHECIDO

Aperta minha mão novamente. Até sempre: na vida e na morte!

MACÁRIO

Até sempre, na vida e na morte!

(aperta a mão)

Viu? Não te disse? Se não fosse enfeitado, diria o nome de meu pai e o de minha mãe.

Minha mãe era de certo alguma libertina puta.

Meu pai, pelo que penso, era padre ou fidalgo.

O DESCONHECIDO

Boa-noite, Macário.

MACÁRIO

Boa-noite.

(Deita-se. O Desconhecido sai).

Bela piada! O sujeito cheio de mistérios... Há dez anos que eu ando para encontrar um patife como este! Desta vez agarrei-o pela cauda!

A maior desgraça deste mundo é ser Fausto sem Mefisto.

(vai para o quarto e deita-se / parado á porta da estalagem o Desconhecido o observa / desvanece)

#### **CENA 4**

EXT. ESTRADA DE TERRA . DIA. PAISAGEM AO LONGE.

(Penseroso corre. Macário de seu lado botando os bofes para fora)

PENSEROSO

Tudo isso nada prova.

MACÁRIO

É uma poesia, concordo, concordo — mas é uma poesia terrível.

PENSEROSO

É um hino de morte sem esperança do céu, como o dos fantasmas... É o mundo sem a luz, como no canto das trevas. Tenho pena daqueles que se embriagam com o vinho do ceticismo.

MACÁRIO

Amanhã pensará comigo. Vai mais devagar... Eu também fui assim. Hoje eu sou como o tronco seco sem seiva e sem verdor; mas um dia... eu sei que não parece... foi um dia o arvoredo cheio de flores e de sussurro.

PENSEROSO

Não crer! e tão moço! Tenho pena de você, Macário.

MACÁRIO

Crer? e no que? No Deus de sacerdotes devassos? de pessoas que saem das câmaras e senados como que saindo de bordéis... ?

CORTE

(Pessoa se libera dos quentes seios da concubina, com sua sotaina preta  
Saem do leito dela para irem ajoelhar nos degraus do templo! Sob o texto:)

Crer no Deus em que eles mesmos não creem, que esses bêbedos profanam até do alto da tribuna sagrada?

PENSEROSO

Não falemos nisto.

(correm para uma alameda e desembocam num lago / rapidamente Penseroso retira as roupas e mergulha no lago / Macário / atropelado / cai no chão / cansado / mas faz o mesmo que o amigo / pula na água / nadam)

MACÁRIO

A filosofia é vã. É uma cripta escura onde se esbarra na treva. As idéias do ser humano o fascinam, mas não o esclarecem. Na cerração do espírito ele estala o crânio na loucura ou cai no fatalismo ou no nada.

PENSEROSO

Não: não é o filosofismo que revela Deus. A razão do homem é incerta como a chama da lâmpada: não a excite muito, que ela se apagará.

MACÁRIO

Só restam dois caminhos àquele que não crê nas utopias.  
O dogmatismo ou o ceticismo.

PENSEROSO

Eu creio porque creio. Sinto e não raciocino.

(nada para longe de Macário / Macário observa / ao fundo em outra margem uma procissão com cruz e tudo / cantos religiosos / tomada das águas / Penseroso e Macário observam / tomada das beiras / Penseroso e Macário observam as mulheres / elas retornam o olhar e riem lá entre elas / tomadas das árvores ou plantas laterais / Penseroso retorna a nado e vai para a margem buscar as roupas / começa por colocá-las / Macário se aproxima e faz o mesmo / quase morto de cansaço deita antes um pouco e arfa/ enquanto Penseroso se troca / um duplo de Macário se levanta e ganha cores escuras / aparece um anjo mau que sopra cinzas sobre ele / cinzas retiradas de uma bolsa escuras e peluda / o duplo de Macário entra em luta com o anjo / Macário tenta subir nuns degraus que estão por perto / degraus de uma escada / mas o anjo não deixa e subjuga Macário / outra aparição similar a Deus que levanta os braços em sinal de absolvição a Macário / Macário-duplo se ajoelha banhado de pranto e suor / cinzento /

as aparições somem ao mesmo tempo que o duplo de Macário retorna ao corpo / Macário / tossindo / se restabelece / Penseroso se preocupa)

PENSEROSO

Ei, Que foi?

MACÁRIO

Esquece. Cadê minha roupa?

(os amigos retornam para a estrada e conseguem enxergar a procissão bem ao longe)

PENSEROSO

(constata)

O mundo é belo.

(Tomadas que podem acompanhar o caminho dos dois rapazes e fundir imagens com a procissão que se distancia com cantares / natureza verde / céus azulados de dias muito límpidos / o sol / nuvens que passam / as flores ao vento / as nuvens da manhã / Na procissão crianças sorriem / velhos sorriem segurando seus terços e persignando-se)

Tudo isso será mentira?

(Tomadas da ITALIANA que corre em direção a PENSEROSO / PENSEROSO e amigos pelas ruas / a mãe que o abraça em casa )

Nada disso não te acorda o coração?

(Macário olha Penseroso e reflete / tomadas de harpas abandonadas com ferrugens / cordas arreventadas / fragmentos de cordas / passa o vento e saem sons desarmoniosos )

Alguma dor arreventou essas cordas? Não há mais música?

(Macário em cadeira rodas / desalentado / a seu lado uma pessoa lê um livro que parece poesia / close do livro / a pessoa vira as páginas / Macário se levanta e rasga a pele deixando aparecer músculos e ossos / Mulheres surgem / cobertas por véus / por detrás do véus lambem e beijam as feridas / Macário se entrega)

Mas a nós, mas a você e eu que somos moços, que sentimos o futuro nas aspirações do peito, que temos a fé na cabeça e a poesia nos lábios, a nós o amor e a esperança: a nós será dado o lago prateado da existência.

(Penseroso ri / Macário torce o lábio só para concordar sem entrar em detalhes / seguem na estrada finaliza a cena em desvanecimento tendo como que uma bifurcação: de um lado os dois amigos e de outro a procissão ao longe com sua cantoria)

## **CENA 5**

DIA. EXT. RUA EM FRENTE À ESTALAGEM

O DESCONHECIDO

Macário...

MACÁRIO

(saindo da estalagem / calçando luvas)

Quando partimos?

O DESCONHECIDO

Tem sono?

MACÁRIO

Não... acabei de acordar...

O DESCONHECIDO

Então partiremos já.

MACÁRIO

E o meu burro? Acharam?

O DESCONHECIDO

(faz sinal para alguém ao longe / estalando os dedos)

Lá vem ele / todo limpo / bem cuidado / a não ser que queira ir na minha garupa.

MACÁRIO

Não...

(sobe no burro / ajeita-se / partem / vemos que se distanciam)

(da porta a estalajadeira surge e morde o polegar e o mostra na direção da parelha /

CLOSE no Desconhecido que se vira / olha e sorri )

(A parelha segue / Num caminho )

MACÁRIO

Pára um pouco teu burro.

DESCONHECIDO

Não quer chegar o mais rápido possível?

MACÁRIO

É que o meu burro tem um trote de desesperar os intestinos.

(aperta a barriga)  
Preciso descansar.

DESCONHECIDO

Você é muito frouxo. Nem core, nem nada, nem anda em burros...

(close em desconhecido que se prepara para uma brincadeira com Macário)

E, contudo, este burro descende em linha reta e direta do burro que carregou o filho do velho carpinteiro José, na sua entrada em Jerusalém.

MACÁRIO

(mão na barriga)

Tá... então é um burro fidalgo como um cavalo árabe.

Tudo isso não prova que ele não trota danadamente. Falta muito para chegar?

DESCONHECIDO

Não. Daqui cinco minutos podemos estar à vista da cidade. A verá desenhando no céu suas torres escuras e seus casebres tão pretos de noite como de dia, iluminada, mas sombria como... como um buraco de cova.

MACÁRIO

Tenho ânsia de lá chegar. É bonita?

DESCONHECIDO

(boceja)

Ah! é divertida.

MACÁRIO

Por acaso também há mulheres por ali?

DESCONHECIDO

Não por acaso... Tem mulheres, padres, soldados e estudantes, como em qualquer cidade... As mulheres são mulheres, os padres são soldados, os soldados são padres, e os estudantes são estudantes...

(O Desconhecido toma de uma vasilha e bebe seu conteúdo oferecendo a Macário / Macário bebe)

... para falar mais claro: as mulheres são lascivas, os padres dissolutos, os soldados ébrios, os estudantes vadios. Isto salvo honrosas exceções, por exemplo, de amanhã em diante, você.

MACÁRIO

(faz uma pausa / olha o desconhecido)

Esta cidade deveria ter o teu nome.

(bebe / devolve o cantil)

DESCONHECIDO

Tem o de um santo: é quase o mesmo. Não é o hábito que faz o monge.

MACÁRIO

(Macário sobe no burro)

Podemos partir.

DESCONHECIDO

Você bebe toda bebida que lhe dão, assim, sem mais e nem menos?

(Macário leva a mão á boca / assustado)

Cuidado... nem todos são tão teus amigos como eu.

(O Desconhecido sorri e segue)

Demais, essa terra é devassa, insípida e pobre. É a monotonia do tédio.

(a parrelha segue a desce entrando na cidade / os dois descem e caminham agora / deixando os burros amarrados / pela rua beatas e os cônegos blasfemam tanto com o rosário na mão / Macário abre a boca espantado / nas ruas mais longínquas imagens que lembrem diabos

correndo atrás das pessoas / ou grupos diabos abraçados com pessoas normais e beberem pelas ruas / beata reza / há santo no altar que se muda em demônio / a mulher se levanta em sorrisos e sobe no altar)

MACÁRIO

Onde estão as mulheres?

(o Desconhecido aponta e se dirigem para o local apontado / casa onde mulheres e homens que rezam / eles dois entram com certo respeito / mulheres sob mantilha, longos cabelos / mulheres bonitas / bonitas / rezam / as mãos de homens que apertam bundas de mulheres enquanto elas rezam / close em seus rostos / gozam / Macário está a olhar um delas que não sorri nem abre a boca / deixa o rosário sobre a bancada de orações / se levanta pois estava ajoelhada / vai na direção de Macário / ela usa mantilha acetinada / ela abre a mantilha e surgem os seios / Macário os aperta / abraça a mulher / há gemidos / suspiros / orações entrecortadas de soluços! / Beija-lhes os seio palpitantes / cruz / se agita no colo / Macário aperta-lhes a cintura / sufocam os lábios / Macário olha para a moça / Esta olha para ele / Macário sorri / ela sorri e mostra dentes muito estragados / Macário sem assusta e a solta / o Desconhecido o puxa para fora da sala )

DESCONHECIDO

Tá! tá! Ta... Que ladainha! parece que já está enamorado, meu Dom Quixote, antes de ver todas as outras Dulcinéias!

MACÁRIO

Que boa terra! É o Paraíso de Maomé!?

DESCONHECIDO

Um médico que aqui viveu e morreu deixou escrito que aqui só há virgens...

Está satisfeito?

MACÁRIO

(durante a caminhada pela rua algumas jovens se aproximam e tentam dar o braço para Macário / dentes podres de todas / Macário não parece ligar e adora que elas venham)

Que delícia... Deve ser delicioso! Esta é a minha preferida vida de sultão... escolherei a mais vagabunda e a mais bela.

(anda e passa a mão no rosto de uma / nos cabelos de outra)

Hoje uma, amanhã outra: experimentarei todas as taças.

O DESCONHECIDO

A mais doce embriaguez é a que resulta da mistura dos vinhos.

A única que você ganhará será nojenta.

(Grita com Macário na rua / as pessoas vão parando e assistem a descompostura)

Aquelas mulheres são repulsivas. O rosto é macio, os olhos lânguidos, o seio moreno, mas o corpo é imundo. Tem uma lepra que ocultam no sorriso. Elas dão em troca do gozo o veneno da sífilis.

MACÁRIO

Porra você... sai pra lá... Para você nada tem de bom.

(Macário sai cambaio pela rua indo até uma fonte)

Pelo que vejo, na criação só há uma perfeição, a tua. Tudo o mais não vale nada

(Chega na fonte e mergulha a cabeça nela, se refrescando)

Substância da soberba, ri de tudo ... desdenhoso....

DESCONHECIDO

Falta orgulho para você, Macário... o orgulho. E o que são as virtudes humanas senão a encarnação do orgulho?

MACÁRIO

(pausa / tensão)

Há luzes ali. Parece uma montanha. Você disse de um pântano... cheio de fogos errantes. Vamos para lá?

DESCONHECIDO

Tenho uma casa aqui na entrada da cidade... meu pajem, lá está preparando a ceia. São aquelas luzes... Vai pegar os burros...

(Macário vai / pega deles / retorna / observa ruínas / A lua se levanta ao longe nas montanhas / Sua luz horizontal banha o vale, e branqueia os pardieiros escuros do convento / junto do Desconhecido)

MACÁRIO

O que são as ruínas? Uma igreja esquecida? Não mora ali ninguém?

DESCONHECIDO

Os homens desejam ruínas.

(sobem nos burros e seguem)

MACÁRIO

Vamos lá?

DESCONHECIDO

Não, Macário. Minha barriga está seca como a de um eremita: deve também estar com fome. Primeiro vamos cear. Daqui a pouco o luar estará claro e poderemos ir.

MACÁRIO

Fiat voluntas tua.

DESCONHECIDO

Amém!

**CENA 6**

EXT. VARANDA. CEIA. SOM DE MÚSICA VEM DE DENTRO

(Mordomos servem Desconhecido e Macário / sala-varanda bem equipada)

( Um dos mordomos vai servir Macário de bebida e ele não aceita)

DESCONHECIDO

Então, não bebe, Macário? Não quer? Que tem? Está pensativo e sombrio?

( o mordomo serve ao Desconhecido)

Olha que é verdadeiro o vinho do Reno que desdenha!

MACÁRIO

Penso aqui comigo... quem é você... de verdade?

DESCONHECIDO

É nisso que pensava? É uma criança. De certo que queria me ver nu e chapado como Caliban, envolto no tradicional cheiro de enxofre! (o Desconhecido levanta a taça de vinho) Sangue de Baco! Eu sou o que você vê! Nem mais nem menos: apesar das minhas luvas de pelica, calças inglesas... (muda o tom) muitos têm a mim como Príncipe deste Mundo, mas não foi um título que pedi, confesso... (ante o olhar desconfiado de Macário)

Quer que te jure pela Virgem Maria?

MACÁRIO

( bebe )

Só pode ser brincadeira tua... (bebe mais) Este vinho é bom. Quando se tem três garrafas deste vinho na cabeça, eu me sinto capaz de escrever um poema ou mesmo dizer que sou o próprio diabo... Será que é pecado dizer isso?

O DESCONHECIDO

Não para mim... O poeta árabe bem o disse—o vinho faz do poeta um príncipe e do príncipe um poeta. (faz sinal para um mordomo encher a taça de Macário). Foi o que eu disse: Você se torna o príncipe deste mundo. (brindam / viram / estalam a língua)

MACÁRIO

Sabe quem inventou o vinho?

DESCONHECIDO

(soltando densa fumaça de charuto)

É uma bela coisa o vapor de um charuto! (mordomos continuam a servir) E demais, o que é tudo no mundo senão vapor? A adoração é incenso e o incenso o que é? O amor é o vapor do coração que embebeda os sentidos. Você sabe—a glória é fumaça.

MACÁRIO

(imita-o com o charuto)

Sim. É belo fumar! O fumo, o vinho e as mulheres! Sabe há ocasião em que desejo viver no Oriente.

DESCONHECIDO

Sim... o Oriente! mas que acha de tão belo naqueles homens que fumam sem falar, que amam sem suspirar? É pelo fumo? Fuma aqui... vê, o luar está belo: as nuvens do céu parecem a fumaça do cachimbo do Onipotente que relaxa no eterno sétimo dia... dormindo.

MACÁRIO

Não... não é só por isso...

O DESCONHECIDO

É pelas elas mulheres? Vira vigário de alguma freguesia... e comerá todas as mulheres...

MACÁRIO

É uma coisa singular esta vida. Sabes que às vezes eu queria ser uma daquelas estrelas para ver de camarote essa Comédia que se chama o Universo?

O DESCONHECIDO

... essa Comédia onde tudo que há mais estúpido é o homem que se crê um espertalhão? A filosofia humana é uma vaidade.

MACÁRIO

Eis aí, nós vivemos lado a lado, o homem dorme noite a noite com uma mulher: bebe, come, ama com ela, conhece todos os sinais de seu corpo, todos os contornos de suas formas, sabe todos os ais que ela murmura no amor, todos os sonhos de pureza e as palavras obscenas que ela fala...

O DESCONHECIDO

Pois bem—a esse homem que deitou-se jovem com essa mulher ainda virgem, que a viu em todas as fases, em todos os seus crepúsculos, e acordou um dia com ela ambos velhos e impotentes, a esse homem, pergunta, o que é essa mulher, ele não saberá dizê-lo!

MACÁRIO

Eis o que é a filosofia do homem! Há cinco mil anos que ele pergunta quem é, donde veio, onde vai, e o que tem mais juízo é aquele que moribundo crê que ignora!

DESCONHECIDO

Nenhum libertino... nenhum saberá dizer o que é a mulher... E isso não é romantismo.

MACÁRIO

Você fala... Fala como um livro... Quem sabe onde está a verdade? nos sonhos do poeta, nas visões do monge, nas canções obscenas do marinheiro...

O DESCONHECIDO

... na cabeça do doido, na palidez do cadáver, ou no vinho ardente da orgia?

MACÁRIO

Quem sabe?

DESCONHECIDO

Não falemos nisto. Fala antes na beleza de alguma virgem nua... ou qualquer coisa parecida...

(O DESCONHECIDO faz sinal para os mordomos e acena para Macário / mudam de cômodo / entram na casa /; vão para a sala / lá alguns músicos já tocam canções / eles se sentam por perto e escutam durante um tanto / a música finaliza e os dois aplaudem os músicos que agradecem e já iniciam outra)

Pela lua! Você está distraído como um fumador de ópio!

MACÁRIO

Sabe no que penso? Há de rir se eu contar. É uma história fatal.

DESCONHECIDO

Deixa-me acender outro charuto. Muito bem.

Conta agora. É algum romance?

MACÁRIO

Não: lembrei-me agora de uma mulher.

## **CENA 7**

EXT. NOITE RUA.

(Macário encontra na rua uma vagabunda. A noite escura. Macário pelas ruas à toa segue-a. Ela levou Macário à sua casa. um casebre. A cama um catre / havia um colchão em cima, mas velho, batido, parecia estar desfeito ao peso das pessoas / Macário deita com ela / retira roupas que parecem sujas / a mulher não era bela: magra e lívida. alcova imunda. estava

frio: o contato do corpo amolecido não excita Macário / falsos beijos / de repente a coisa não anda / Macário se levanta / sai / TRANSIÇÃO PARA O DIA / Macário retorna e procura a casa / casa fechada. Bate. Não respondem / tenta enxergar através das janelas / empurra a porta / Entra / uma outra mulher / velha / vem ao encontro de Macário /)

MACÁRIO

Onde está a mulher que mora aqui?

A VELHA

A puta?

(Silêncio!)

Está deitada ali no chão. Morreu esta noite

(E com um ar cínico)

Quer vê-la? está nua... que ver?

CORTE

DESCONHECIDO

E o nome dessa mulher?

MACÁRIO

Esqueci. Talvez nem soubesse... se lembrar eu te falo... amanhã...

DESCONHECIDO

Mas o que é um nome?

MACÁRIO

Não... eu deveria saber... deitei-me com ela uma noite... ela suja e escrota que pretendia ter o segredo da virgindade... que me falava com tanta certeza, que mercadejava a noite ...

DESCONHECIDO

Apenas um nome, Macário...

MACÁRIO

Um nome que eu não me lembro... que morreu pensando nos meios de me excitar ... na receita da virgindade eterna... essa mulher que esqueci como se esquecem os que são mortos...  
(cessa a música tocada)

DESCONHECIDO

E quem sabe se aquela mulher, a cujo lado estive não era justamente a tua mulher ideal... a tua felicidade?

MACÁRIO

Não entendo.

DESCONHECIDO

Quem sabe se naquele pântano não encontraria, como sonha, a chave de ouro dos prazeres que deliram?

MACÁRIO

Quem sabe! Talvez.

(pausa. Tensão. O relógio bate)

DESCONHECIDO

É tarde. Agora é uma caveira a face que você beijou... uma caveira sem lábios, sem olhos e sem cabelos. O seio se desfez. A sua vulva foi consumida na terra. Tudo isso é comum. É uma idéia velha não? E quem sabe se sobre aquele cadáver não correram lágrimas de alguma esperança que se desvaneceu? se com ela não se enterrou teu futuro de amor? Não gozaste aquela mulher?

MACÁRIO

Não.

DESCONHECIDO

Se ali ficasse mais alguma hora, talvez ela morresse nos teus braços. Aquela agonia, o beijo daquela moribunda talvez regenerasse. Da morte nasce muitas vezes a vida. Dizem que se o violino de Paganini dava sons tão humanos, tão melódiosos, pois ele usava cordas feitas das tripas de pessoas... assassinadas...

(Macário se encolhe na roupa)

MACÁRIO

fecha aquela janela. O ar da noite me faz mal. O luar me gela.

(ao findar o bater do relógio / inicia o bater do sino de alguma igreja)

Que som abafado é aquele ao longe?

(batem sinos da meia-noite / longínquo)

O DESCONHECIDO

É a meia-noite. Não ouve?

(o desconhecido bate palmas e os músicos começam a sair, despedindo-se do amo / os mordomos fecham as janelas e cobrem as coisas / um deles se põe à frente do

Desconhecido à espera de ordens)

Muito bem.. podem ir... deitem-se e durmam... se quiser alguma coisa eu mesmo providencio... Descansem... A ceia esteve excelente...

(o mordomo sai)

MACÁRIO

Sim. É a meia-noite. A hora Maldita, a hora que faz medo às bestas, e que acorda o ceticismo. Dizem que a essa hora vagam espíritos, que os cadáveres abrem os lábios inchados e murmuram mistérios. É verdade?

O DESCONHECIDO

(entediado com essas historinhas)

Se não tivesse tanto frio, eu te levaria comigo ao campo. Eu te adormeceria no cemitério e teria sonhos como ninguém os tem, e como os que os têm não querem acreditar.

(Macário levanta a mão como se pedisse para levá-lo / O DESCONHECIDO olha para Macário que expressa um desafio)

O DESCONHECIDO

O que quer?

MACÁRIO

Ir ao cemitério

O DESCONHECIDO

Está bem.

(toma da mão de Macário que se senta no divã)

A mão já parece com a de um defunto!

(larga a mão / toma do casaco de Macário / joga sobre ele)

Dentro de alguns momentos estaremos longe daqui.

(abre a janela com estardalhaço / entra um tremendo frio e vento / Macário se encolhe)

Dormirá esta noite um sono bem profundo.

MACÁRIO

O da morte?

O DESCONHECIDO

Fundo como o do morto: mas acordará...

MACÁRIO

Vamos, estou pronto.

O DESCONHECIDO

(toma da garrafa e deposita um trago)

Nunca ninguém está pronto.

(ao levantar a bebida / a lua que se movia rapidamente para no céu / O DESCONHECIDO nota / Macário nota e boquiabre-se)

Esta é a hora dos mistérios.

### CENA 8

(a lua / FUSÃO com rosto de Macário adormecido / mão de O DESCONHECIDO

Na barriga de Macário que está deitado sobre um túmulo / FUSÃO gradativa para o sonho de Macário / INÍCIO DO SONHO / imagens rápidas - estando semi-morto / ele está sem ar / angústia respiratória / a Lua se move rapidamente / no sonho um homem entra numa tenda / joga fora bebida e se joga sobre uma jovem / rasga suas roupas / ela grita: - Pai! Pai! De fora o homem ouve: - Loth! Deixa tua filha em paz... Em paz! / Macário abre os olhos tentando acordar / parece imerso em água /

O DESCONHECIDO

Está se divertindo esta noite?

(O corpo de Macário se desfaz em pedaços que se espalham / as nuvens se vão sumindo em alta velocidade / as estrelas desaparecendo / escuridão! de espaço a espaço um baque como o de um peso que cai no mar e afunda-se / Às vezes uma luz / uma estrela ardente, cair e apagar-se na lagoa negra / uma forma de mulher pensativa / nua / corpo de um anjo / lívido / mármore / olhos vidrados / os lábios brancos / unhas roxeadas / cabelo loiro / reflexos de branco / Macário tenta tocar seus cabelos / Ela se erguia às vezes, cambaleando, estremecendo suas pernas indecisas, se perdia nas trevas. Macário a seguiu / Caminham num chão pantanoso / Essa estátua ambulante é murcha as flores por onde passa / as árvores perdem suas folhas amareladas que caem em chuva / Ela / mais à frete, para numa torrente de sangue que transbordava de cadáveres podres / elas os tomava um por um nos braços / apertava-os nos seios de gelo/ ela revolvía-se, tremia, arquejava / Eram mil vozes gritavam do abismo / blasfêmia /

Das montanhas e dos vales da terra, das noites de amor e das noites de agonia, dos leitos do noivado aos túmulos da morte erguia-se uma voz que dizia: Cristo maldito! Glória, três vezes glória ao anjo do mal! / as estrelas fugiam / fogo / uma figura amarelenta beijava a crianças na frente / e esse beijo deixava uma nódoa... e erguia-se com um sorriso amargo / caminha na direção de Macário / ela o segura e dá-lhe tapas repetidos).

## FUSÃO

(tapa do Desconhecido)

Acorda!

(dá outro tapa na cara de Macário)

Levanta daí.

(Close nos olhos de Macário / Macário está imóvel com os olhos muito abertos / aterrizados / O DESCONHECIDO Lhe dá um licor que retira da algibeira / Macário tosse / dobra-se / sente dores)

Isso reanima até cadáver!

## MACÁRIO

(após recuperar-se)

Quem era a mulher?

## O DESCONHECIDO

(como quem inventa uma lorota / nem liga

Um anjo...

(ajuda Macário a se recompor)

Tem o corpo da mulher e o a virgindade eterna.

(põe Macário de pé / Macário presta muita atenção / arruma sua roupa)

Tem todas as sedes, todos os apetites lascivos, mas não pode amar.

(O Desconhecido sai andar na frente / Macário o segue)

Todos aqueles em quem ela toca se gelam. Ela repousou o peito em muitas virgens e prostitutas, em muitos velhos e crianças...

MACÁRIO

(seguindo-o / curioso)

Quem é ela?

O DESCONHECIDO

Está muito pálido. E... olha que teu sonho só durou meia hora.

MACÁRIO

Que estrela é aquela que caiu do céu, e aquele grito?

O DESCONHECIDO

É um filho que o pai enjeitou. É um anjo que desliza na terra. Amanhã talvez o encontres.  
Num dia uma mulher, no outro uma Santa Madalena!

MACÁRIO

Santa Madalena?

O DESCONHECIDO

O anjo é a criatura do amor. E o que há mais aberto ao amor que Madalena?

MACÁRIO

Não ouviu um ai? um outro ai ainda mais dorido?

O DESCONHECIDO

Deve ter sido uma coruja.

MACÁRIO

Não: que coruja que nada... Ouve? é agonia, uma voz humana!  
(olha atarantado para todo lado)  
Quem geme a essas horas? Aqui no meio do cemitério.

O DESCONHECIDO  
(gargalhada)

MACÁRIO  
(O DESCONHECIDO Não para de rir)  
Não vê que eu estou com medo?  
(passa um vento que arrepiava Macário / ele passa a mão na testa)  
Que ai era aquele?

O DESCONHECIDO  
Quer mesmo saber?

MACÁRIO  
(grita)  
Sim! pelo inferno ou pelo céu!

O DESCONHECIDO  
(expressão)  
É poético, até... o último suspiro de uma mulher que morreu, é a última oração de uma alma que se apagou no nada.

MACÁRIO  
E de quem é esse suspiro? por quem é essa oração?

O DESCONHECIDO  
(riso de mofa)  
De certo que não é por mim...

(parada brusca / toma da gola de Macário)

É voz é a da tua mãe... a oração era para você.

MACÁRIO

Minha mãe! minha mãe!

DESCONHECIDO

(solta a gola de Macário / com evidente tédio displicente)

Você chora como uma criança!

MACÁRIO

(chorando)

Minha mãe! minha mãe!

O DESCONHECIDO

Então... (pede uma solução) vai ficar por aqui?

MACÁRIO

(grita)

Vai embora... Em nome de Deus!

O DESCONHECIDO

Em nome de Deus... é muito difícil...

(Macário se aproxima do Desconhecido que ergue a cabeça arrogante)...

MACÁRIO

em nome de minha mãe! Vai embora e me deixa!

O DESCONHECIDO

(desvanecendo ou perdendo-se numa bruma que vem aparecendo)

É por pouco tempo. Amanhã me chamará de volta.

(segura no ombro de Macário)

Deita no chão com as costas para o céu; põe a Mão esquerda no coração; com a direita bate cinco vezes no chão, e murmura...

(mas não se ouve... só vemos a boca dizendo o nome)

... Satan!

### CENA 9

EXT. A ESTALAGEM. O QUARTO DE MACÁRIO

(As janelas fechadas. Batem à porta)

MACÁRIO

(acorda assustado)

Que sonho! Foi um sonho... (rindo) que coisa horrível... Um momento...

(batem / Macário põe as botas / o poncho / olha para a mesa / A ceia está intacta na mesa! Ele balança a cabeça como que se advertindo / batem)

Um momento / já vou...!

(emborca a garrafa / vazia / ele expressa suspeição)

Contudo eu sou capaz de jurar que não sonhei!

(batem) Olá mulher da venda!

A MULHER

(batendo de fora)

Senhor moço! Abra! abra!

MACÁRIO

Que bagunça do diabo é essa?

(Abre a porta. Entra a mulher).

A MULHER

Ah! Senhor! Me desculpe... mas... estou cansada de bater à sua porta!

(ela olha sempre em torno enquanto fala e anda pelo quarto)

Pois o senhor dorme a sono solto até três horas da tarde!

MACÁRIO

Como?

A MULHER

Nem ceou—aposto: nem ceou. (arruma o quarto / mexe na vela no limite) A vela quase acabou. (para ele / direta / meio braba) Podia até pegar fogo na casa!

(enquanto Macário acaba de se arrumar e não tira o olho dela / MULHER faz a cama)

Pegou no sono, comendo de certo!

MACÁRIO

O que é que a senhora tem a ver com isso?

(está para sair)

Pois aqui não estive ninguém ontem comigo?

A MULHER

Pela fé de Cristo! Claro que não... ninguém. Essa é uma casa de respeito.

MACÁRIO

Pois eu não saí daqui de noite, alta noite, na garupa de um homem de ponche vermelho e preto, porque meu burro tinha fugido para sei lá onde?

A MULHER

(espantada, benzendo-se)

Não, senhor! não ouvi nada... Pelo jeito a bebida não te faz nada bem... O burro está amarrado na baía. Comeu uma quarta de milho. . .

MACÁRIO

(chega à janela)

Como!? Não choveu a cântaros esta noite? (espantado) Eu era capaz de jurar que cheguei até a cidade, antes de meia-noite!

A MULHER

(benzendo- se / olha suspeita para Macário / acelera a arrumação)

Se não foi por artes do... (Macário vira-se para esperar que ela complete)...  
o senhor estava sonhando.

MACÁRIO

(Dá uma gargalhada à força.)

Ora, sou um pateta! Dormi comendo, e sonhei com asneiras!...

(os dois , ao mesmo tempo olham para o chão e vêe / pausa / abaixam-se)

CORTE

(Mancha de queimado no chão)

A MULHER

(benze-se repetidamente)

Cruz! Cruz! minha Nossa Senhora de S. Bernardo!.. É um trilho de um pé. . .

MACÁRIO

(espantado)

Parece um pé...

A MULHER

Um pé de cabra ... um trilho queimado...Foi o pé do diabo! o diabo andou por aqui!

(sai correndo / close no sinal de queimado)

### **CENA 10**

EXT. DIA . CAMPO

O DESCONHECIDO

Ele já está acostumado com tapas... Acho que até gosta...

Esse desmaio veio a tempo: seria capaz de lançar-se ao rio...

(Penseroso está curioso / o desconhecido ergue Macário).

PENSEROSO

Ele não faria uma coisa dessas...

O DESCONHECIDO

È... de repente não faria... Vamos... E como é belo descorado assim! (olha para Penseroso) ... com seus cabelos castanhos em desordem, seus olhos entreabertos, os lábios de garota! Se eu não fora quem sou eu amaria esse canalha...

(Vai levá-lo).

PENSEROSO

Quem é você? Deixa-o... aqui, é meu amigo... eu o levarei.

O DESCONHECIDO

(derruba Macário no chão / ele solta um gemido com a queda)

Quem eu sou? que importa?

(novamente a faina de levantar o gajo)

Vou deitá-lo num leito macio. Daqui a pouco seu desmaio passará. É um efeito do ar frio da noite sobre uma cabeça infantil... Adeus, Penseroso.

PENSEROSO

(Toma a frente do Desconhecido / que derruba novamente Macário)

Quem é você? Como é que sabe meu nome?

(Desconhecido / sem tirar os olhos de Penseroso / divertido com a atitude do outro / levanta Macário)

CORTE

INT. CAFÉ. NOITE

MACÁRIO

(para o Desconhecido)

Para com isso... já encheu... Você me aborrece... Me larga.

DESCONHECIDO

(fingido interesse)

Ora, já que está bem... Tem carta aí? Vamos jogar... biriba... Joguemos. Que quer? a ronda, a barca, um buraquinho?

MACÁRIO

Eu perco sempre... Quando aposto e perco, tenho desejos de atirar com as cartas na cara do banqueiro.

DESCONHECIDO

Pois eu jogo, perco e gosto de jogar, assim mesmo.

## **CENA 11**

INT. SALÃO DE JOGO

(Pessoas entram no salão que se transforma em alegre e festivo / Macário e o Desconhecido jogam / sentam-se / olham em torno / O Desconhecido vê uma garota e aponta

para Macário / bate no braço de Macário / cochicham algo / Macário dá de ombros / dá a entender que o Desconhecido deve ir até a garota / ela dá muita bola / ele vaia / a música rola /; as pessoas riem e se divertem / jogam / O Desconhecido vai a um salão privado e surge de lá com uma roupa mais aristocrática / visual diferente / o Desconhecido se aproxima / a garota olha com interesse / tudo isso sob o riso curioso de Macário / de vez em quando Macário e o Desconhecido trocam olhares / a garota apresenta uma outra menina / O desconhecido compara as duas / vê a segunda seminua, sentada sobre as bordas do leito, repousando a mão sobre a face, sentia as lágrimas do amor e da saudade banharem-lhe os olhos ao luar / bebem um pouco / saem do Salão ele e as duas sob os olhos de Macário / Macário resolve segui-los / eles estão braços dados pelo caminho / Então surge alguém da escuridão / armado / empurra o Desconhecido / as meninas se soltam / há uma discussão / O desconhecido (sob P.V. de Macário escondido) alterca com o rapaz que surgiu da escuridão / então o rapaz segura uma delas pelos braços / a sacode / O desconhecido empurra o rapaz que lhe dá um soco / O desconhecido cai / O rapaz puxa a garota / quer levá-la embora / a segunda repuxa o rapaz para si / O desconhecido que observa divertido / se levanta / desembainha da bengala uma lâmina interna / enfia no rapaz que cai / Macário corre para a cena)

#### MACÁRIO

Ei... que negócio é esse... tá maluco?

(as meninas gritam / O Desconhecido ataca uma que desfalece imediatamente / depois se aproxima da outra)

Para com isso... a policia vai chegar...

( mesmo com Macário tentando segurá-lo / o desconhecido corta a cabeça da garota / com o ímpeto Macário vai ao chão e vê o desconhecido levantar a cabeça dela no ar / depois joga a cabeça para Macário... em seguida limpa a lâmina na saia de uma delas)

#### O DESCONHECIDO

É doloroso. Mas esse é o meu mundo... (se levanta e olha em torno) assim como o céu dos tolos. Estou com um pouco de sede. (Macário cai de joelhos com a cabeça entre as mãos) Falam de convento. Querem cortar os cabelos negros da moça e cosê-la na mortalha da freira.

(chuta as meninas no chão) Ora pois, se consigo ao mesmo tempo virar a cabeça da moça e da freira, mandar o anjo limpar a mão à parede, as Santas que lhe peguem com um trapo quente.

MACÁRIO

E elas queriam isso?

O DESCONHECIDO

Isso de mulheres, nem eu... as entendo. (levanta Macário do chão / mostra preocupação de ver se há testemunhas para o ocorrido) A mulher é um elemento. A Santa mais santa, a virgem mais pura, há instantes em que se daria a a esses pobres sujos da rua. Enfim, Macário, vai andar ou quer ser pego por aqui mesmo?

( desaba na calçada / desmaia)

Dorme como um cão. Boa noite... criança.

(O Desconhecido observa as casas / vê que numa janela uma mulher se desfaz da roupa por atrás da cortina / anda para lá)

## **CENA 12**

EXT. INT. RUA/CASA ANTERIO

(a câmera entra pela porta que se abre / sobe as escadas / passa por DESCONHECIDO / segue um corredor / entra pela porta do quarto / fixa-se numa mulher ensanguentada sobre a cama / esquartejada / ruma para a janela / vemos O DESCONHECIDO atravessando a rua e tomando um carro ou taxi)

CENA 10

MACÁRIO, PENSEROSO.

MACÁRIO

O que pensa?

## PENSEROSO

(refletindo / aproxima-se de uma janela / toca um violão /; as luzes se acendem / ele sorri / aparece a Italiana / ela sorri / ela canta e toca / ela sai da janela e desce / encontram-se na calçada)

## PENSEROSO

Quero ser a luva branca e apertar tua mão

## ITALIANA

Não precisa pois minha mão eu a dou para você, poeta...

## PENSEROSO

(beija o peito da mulher)

Quero ser a tua esperança que sonha no futuro,  
as saudades que tem aqui na terra...

## ITALIANA

Não não... maior saudade é quando você não aparece à minha janela...

## PENSEROSO

Quero ser o cortinado Que não conta os mistérios de teu leito;  
e teu colar de seda negra... quero ser a cruz com que dorme sobre o peito.

(abraçam-se / beijam-se)

## ITALIANA

Você é o meu desejo, poeta.

## PENSEROSO

Meu desejo?... Era ser o teu espelho que mais bela te vê quando retira suas roupas / te vê nua / coberta de flores... meu desejo é ver teu corpo, teus cabelos soltos / ouvir a voa do teu gozo

(se enfiam um no outro em beijos)

MACÁRIO

Ei! Acorda.

(Penseroso volta a si depois do devaneio)

Oh! Acorda Romeu... cabeça romântica... sonha com a coroa nupcial cheirosa da amante?

PENSEROSO

Antes fosse, mas ela é virgem... não tivemos nunca nenhuma noite de amor.

Nem é minha amante.

(devaneio / Penseroso cai de borco sobre um riacho raso / reza direcionado aos crepúsculos / ajoelha junto das cruzes nas montanha / escreve no ar / no cintilar das primeiras estrelas / caminha nas manhãs enevoadas / fusão com a imagem da ITALIANA)

MACÁRIO

(da um tapa no amigo / que acorda novamente)

Vem comigo. Giorgio dá hoje uma ceia: será uma orgia esplêndida como nem se viu em romance algum. Mulheres e muito vinho da Espanha / não há melhor túbulo para a dor que uma taça cheia de vinho ou uns olhos negros cheios de tesão. Vamos lá... levanta do sonho e vamos viver a realidade.,...

PENSEROSO

Não (levanta-se e caminha pelo jardim)... vai só.

(devaneio: Penseroso adentra uma sala / Italiana com sangue no peito dela, sangue nas mãos de Penseroso, sangue nos lábios de ambos... / Penseroso treme nas escadas bambas do cadafalso... alguém ri / Penseroso se volta / manietado / é o Desconhecido quem ri / tudo se enverdece / fim do devaneio )

Pensei no suicídio.

(Macário começa a rir)

Macário, Macário, não ria de mim! Sou um doido, Macário, eu o sei.(pausa)

Que longa vai essa noite! Nunca termina.

MACÁRIO

A noite do desejo não realizado...

Está bem, esta bem... mas vamos entrar... tem um vento frio chegando...

(Entram / Sobre a mesa livros / PENSEROSO encosta-se à mesa. MACÁRIO toma de cigarro oferece a Penseroso que não aceita / Macário acende num lume e fuma)

PENSEROSO

(passa a mão sobre as lombadas dos livros)

Li o livro que me deu, Macário. Li avidamente, mas parece que é um jogo de imaginação, a não ser que o ceticismo ali não é máscara de comédia...

MACÁRIO

E o ceticismo não tem a sua poesia?... O que é a poesia, Penseroso? não é porventura essa comoção íntima de nossa alma? Ou a poesia será somente descrição da natureza e o poeta um pés descalços sobre tapete persas?

PENSEROSO

Não sei... A natureza é um concerto cuja harmonia só Deus entende...

MACÁRIO

Será loucura pedir vibrações a uma harpa sem cordas ou beijos à garota que morreu... fogo a uma lâmpada que se apaga. Não peça esperanças ao homem que descrê e desespera.

PENSEROSO

(toma de um e outro livro/ abre / os fecha / mal lê / joga sobre a mesa/ tédio total)

Macário! e ele tão velho... tantos cadáveres... nervos que não dormem... Por que amaldiçoou sua juventude? É um livro imoral: por que essa coisa de bordel o tempo todo? É um livro imoral: por que esse moço entregou-se ao desregramento?

(Macário se diverte)

Não ria, Macário... Esperanças! Não acredita que o mundo anda para a frente?

Esperanças! Não acredita que tem futuro imenso?

Esperanças! não tê-las quando todos as têm!?

MACÁRIO

Muito bem, Penseroso. Agora cala-te: Você está me enchendo o saco. A vida está na garrafa de Conhaque, na fumaça de um charuto de Havana, nos seios gostoso da morena. Tirei isso da vida—o que resta? Você não sabe nada da vida. Acende esse charuto, Penseroso, fuma e conversemos coisa melhor.

(Penseroso se joga no sofá)

(devaneio:brumas / duas pessoas / adão e eva / águas que sobem afogam os dois / construção de uma cruz / deitam um homem e batem o martelo / chuva sobre Sodoma / fábricas / indústrias / progresso / máquinas / palácios / pinturas e mármore)

(Macário vai à janela)

Enquanto não se inventar o meio de ter mocidade eterna, de poder amar cem mulheres numa noite, de viver de música e perfume, e de saber-se a palavra mágica que fará recuar a morte, nada terá adiantado. O gênio morre e ninguém se igualará ao gênio.

Vamos tomar um café!

(os dois saem / caminham pelas ruas / param defronte e janelas e vitrines / entram num café / os vemos através da janela da frente / sentam-se / Macário ordena que venha alguém / surge uma moça que atende /; conversa com eles / anota pedidos / em primeiro plano um cigarro se acende e um baforada invade o campo visual)

CORTE

INT DO CAFÉ

MACÁRIO

Escuta ainda. O autor deste livro que te emprestei não é um velho. Se não crê é porque o ceticismo é uma sina ou um acaso, assim como é às vezes um fato de razão. Nada mais do que isso.

(Macário volta-se rapidamente e vê através da janela o cigarro quês e acende do outro lado da lua)

PENSEROSO

Que foi?

MACÁRIO

Acho que alguém está nos seguindo.

### **CENA 13**

(ITALIANA pelas ruas / duas ou três ruas e entra num CAFÉ / senta-se e serve-se de empadas e refrigerante / enquanto come olha em volta / despreocupada / dirige-se a um músico que está bebendo sua cerveja no canto do CAFÉ / conversa com ele / deixa um dinheiro / o músico começa tocar e a canção é audível / ela come e bebe / acaba / paga / se levanta e sai / surge um braço e mão que toma do resto da empada / O DESCONHECIDO que pega um pedacinho daquilo e leva à boca / olha para a distancia / procurando a ITALIANA e sai atrás dela deixando o resto no prato / sai / o músico continua com sua canção / O DESCONHECIDO volta e deixa um dinheiro para o músico e faz sinal para que ele pare / ele para de tocar / DESVANECE)

### **CENA 14**

INT. IGREJA.

(PENSEROSO está ajoelhado e reflete ou reza / MACÁRIO / ao lado olha por toda a parte / incomodado)

MACÁRIO

Foi talvez um delírio, mas foi da cabeça e do coração que se exalaram aqueles cantos selvagens.

(início de um canto gregoriano que vem do alto / Macário olha para lá / expressão de que só faltava essa)

Foi numa vibração nervosa, com o sangue subindo á cabeça, com a mente ébria de sonho ou pesadelo que ele cantou.

(Macário navega pelos janelões de vitrais / junto ao canto gregoriano entra uma harpa desafinada ou noutra música e noutra tom)

Se a harpa desafina, se a mão ríspida as estala, se a harpa destoa, é que ele não pensou nos versos quando pensava na poesia.

PENSEROSO

(mãos na testa / testa na madeira do banco)

A arte é um manto para as belezas nuas...

MACÁRIO

... é que ele preferira deixar uma estátua sem roupa, do que botar uma roupa de ouro num manequim.

(cessa qualquer música / PENSEROSO levanta a cabeça e se senta)

PENSEROSO

Ilusões! O amor—a poesia—a glória.—Ilusões!

(Macário ri e bate na perna / uma pessoa lá atrás pede silencio com um SHHH / eles se voltam mas continuam a conversa)

O amor... o meu amor pela IUtaliana será ilusão, também? Não ria... Macário. Estou falando sério.

MACÁRIO

(rindo que não aguenta)

Eu estou rindo seriamente

(mais SHHs / Macário muda o tom / sussurra para PENSEROSO)

Escuta. Eu também amei. Eu também talvez possa amar ainda.

PENSEROSO

É diferente. Você é um homem do mundo... Para mim... quando penso nela... Parece que se aquela beleza de olhos e cabelos negros... se me deixasse repousar a cabeça sobre seu peito, eu poderia ainda viver e querer viver, e ter alento bastante para desmaiar em um de um beijo.

(alguém se aproxima lá do fundo)

Mas o que me agita o... tesão... é a beleza dela... será um sentimento superficial? Será ilusão? essa sede insaciável do gozo?

(u'a mão bate no ombro de PENSEROSO / a pessoa faz SHHH / é o DESCONHECIDO / que se senta / pio e santo / benze-se)

O DESCONHECIDO

Será possível um pouco de silêncio? Esta é uma casa santa.

(olha para trás e recebe o apoio de beatas que estão no fundo)

Quero orar.

(e passa orar)

## **CENA 15**

EXT. PORTA DA IGREJA

(os dois rapazes saem / caminham pela rua / ainda conversando)

PENSEROSO

Quem é aquele?

MACÁRIO

Um amigo.

PENSEROSO

Vai deixá-lo assim, sozinho?

MACÁRIO

Ele escolheu o lugar dele.

(Macário segura o braço de Penseroso)

Mas, não é isso que interessa. Mas é a Italiana. São sonhos! sonhos, Penseroso! É loucura abrir tanto o coração. É loucura!

PENSEROSO

Mas é o que sinto...

MACÁRIO

O que sente deve ser escondido. Se você só vive de sonhos... vai cair de febre... febre para entrar no palácio da fada das imaginações.

PENSEROSO

Isso já acontece e tem dias que não aguento.

### **CENA 16**

(Devaneio: Penseroso põe a mão no coração. Sobre a mão dele aparece a mão da Italiana. Som, de batidas crescentes de coração acompanham a cena / Italiana e Penseroso bailam na praça onde pararam / Penseroso deita a Italiana no chão / retira as roupas dela mas a mais que se retire sempre tem outra por baixo / Desiste e se beijam ardorosamente / Penseroso aspira o perfume de seus cabelos / Italiana começa a cantar / um canto cheio de ecos / Ela mesma começa a despir-se / findo o devaneio)

CORTE

PENSEROSO

Eu amei muito essa mulher. E por vê-la uma hora perto de mim , sem roupa, mesmo que dormindo... só por vê-la, e por beijá-la de leve... eu daria minha vida inteira ao nada.

(Penseroso cai em si / cai no chão de joelho / Macário olha em volta pois as pessoas observam a conduta dos dois)

Macário essa nudez e esses beijos parecem a morte...

(grita)

Me perdoa meu Deus!

(sussurra)

talvez seja uma fraqueza o suicídio... (Macário o abraça e está com ouvido perto)  
por que será um crime ao pobre louco sacrificar os seus sonhos da vida?

MACÁRIO

(levanta-se bruscamente)

Adeus, Penseroso. Eu pensei que você me acordava a vida no peito. Mas essa fibra... é uma fibra maldita, cheia de veneno e de morte. (vai se afastando enquanto pessoas se aproximam de Penseroso para ajudá-lo)

Adeus. Penseroso. Fica sabendo que a descrença é a filha enjeitada do desespero.

(vira-se de costas e vai / pessoas se aproximam mais e tomam de Penseroso / então Macário se lembra e volta a falar já à distancia)

e o suicídio da alma é o cadáver...

(estanca / ao longe e nota que O DESCONHECIDO está abraçando PENSEROSO / o DESCONHECIDO o ampara fraternalmente e olha para MACÁRIO com um sorriso... Macário completa a frase / aturdido)

... de um coração.

(Macário se vira / ao fundo o aglomerado sobre Penseroso / Macário acelera o passo / vai aos campos / desafoga o colarinho / tira o peso de roupas / respira bastante e fundo )

**CENA 17**

INT. CASA DE PENSEROSO

(u'a mão escreve / ÉPENSEROSO em sua sala ou quarto / em sua casa / várias tomadas de Penseroso a escrever intensamente / tomando tragos de bebida / visto de vários cômodos vazios / só o tiquetaque do relógio / de repente para / pensa / joga a caneta ou pena para longe / rasga o escrito / reabre o amassado / alisa sobre a mesa / recosta na cadeira / o relógio bate um, quarto qualquer / enquanto PENSEROSO desamassa a folha , a ITALIANA passa por trás dele mas não se comunicam / a Italiana está em outro plano com outras ações / Macário também passa / num momento Italiana e Macário conversam às costas de PENSEROSO que também não se comunica com essas aparições / repentimente PENSEROSO dá um soco na mesa / as aparições se vi9ram com o barulho)

PENSEROSO

Esquecer tudo! tudo!

(levanta a mão e a pena está grudada em sua mão / pinga sangue que cai sobre a folha amassada / Penseroso a retira e se cuida estancando tinta e sangue / na folha mistura sangue com tinta azul e fica roxo / o roxo toma conta do papel / Penseroso fecha os olhos / as mãos da Italiana o ajudam a cuidar da ferida / amorosamente / seus olhares se encontram sob o barulho da torneira de água aberta )

Esquecer! Deus me perdoe.

(a Italiana faz um curativo sob a observação de Penseroso)

E se eu morro por você... que você seja feliz!

(A Italiana sorri / seu sorriso se amplia / lentamente de doce fica amargo e ela começa a gargalhar / ela atira olhares lânguidos / se aproxima de Penseroso / senta sobre ele e suspira / a mão dela estremece segurando o rosto de Penseroso / ela o beija / Penseroso vê tudo / toma a iniciativa e agarra os seios da Italiana que corresponde / de repente / ela para e esconde o rosto com as mão n/ sai de cima dele / se afasta / as lágrimas correm através dos seus dedos / ela foge soluçando / Penseroso vai atrás mas topa com a cadeira / acorda do devaneio com a folha amassada na mão e o sangue escorrendo).

Ela não me ama— isso é certo.

(desvanece)

**CENA 18**

EXT. INT. RUA / FARMÁCIA

(Tomada da rua e os letreiros da farmácia / de lá sai Penseroso com um embrulho na mão / para / rasga o papel / é uma garrafinha / abre e bebe um tanto / segue / passa por um jardim de uma casa / entra / bate na porta / a porta se abre / a mulher que atende o abraça e beija / ele beija a mão da mulher / entram / lá um homem lê um jornal e fica feliz em ver Penseroso / a mãe sai / o homem e o jovem se abraçam / conversam / o homem é bem familiar / sentam-se / Penseroso nota uma foto em que estão os três / a mãe retorna com café e bolachas / conversam / e durante a conversa e risos / desvanece)

**CENA 19**

EXT. DIA . PORTA DA CASA DE PENSEROSO

(Macário está á porta da casa de Pensroso / bate / bate muito mas ninguém atende / Penseroso está lá dentro mas não quer atender / Macário desiste e vai embora) / Penseroso limpa o rosto macilento / busca roupas / escolhe vestimentas / toma banho / barbeia-se / veste-se / pega da garrafinha com líquido / dá uma golada / cambaleia e sai / deixando a porta aberta)

**CENA 20**

EXT. PRAÇA ARBORIZADA

(Penseroso caminha procurando alguém / então estaca / vê a Italiana de braços dados com o Desconhecido / conversam bastante / ela ri / Penseroso se esconde atrás de uma árvore para melhor observar sem ser visto / O casal senta-se em um banco / o Desconhecido compra algodão doce para a Italiana que ri bastante / muita boca e dentes / O Desconhecido é mestre em gracinhas / Penseroso se irrita / toma da garrafinha e bebe dois goles / fica tonto / Nesta tomada em que Penseroso está em primeiro plano percebe-se que ao fundo o Desconhecido sabe que ele e está lá / Penseroso apalpa a árvore / está furioso / nisso Macário se aproxima do amigo / percebe que ele está mal / olha lá atrás de vê a cena amigável da Italiana e o Desconhecido /

Macário puxa Penseroso pára longe dali que cambaleia e não se agüenta em pé / afasta Macário com um empurrão / surge um policial)

POLICIAL

O que é que está acontecendo?

PENSEROSO

Cala essa boca, meganha.

POLICIAL

Que tem ele... está chapado?

MACÁRIO

Ele está muito bêbedo... doente... aliás... não ligue, senhor...

POLICIAL

Tira esse sujeito daqui ou ele vai dormir na cadeia.

MACÁRIO

Pode deixar... estou tentando...

POLICIAL

Não é a primeira vez que este rapaz fica como doido pelas ruas...

MACÁRIO

Eu vou levá-lo para um médico... talvez...

POLICIAL

Os cidadãos estão reclamando... desse... professor... poeta...

MACÁRIO

Senhor Policial... ele está sob minha responsabilidade... eu o levo para casa...

(o Desconhecido e a Italiana olham de longe / atenção chamada pelas pessoas e o policial)

**CENA 21**

INT. SALA DE PENSEROSO.

(Macário o deposita num sofá / Macário vai fazer um forte café / vemos todo o trabalho de Macário enquanto Penseroso fala)

PENSEROSO

Se há um homem que cresse no futuro, fui eu.

MACÁRIO

Você deve ter muito orgulho de seu coração e no seu gênio...

PENSEROSO

(retira a garrafinha sem que Macário note e bebe mais um gole)

Deus me fez poeta. Esse mundo, a natureza, as montanhas, noites de luar, tudo isso me acordava, me revelava no peito cordas que nunca escutei senão nos poetas divinos...

MACÁRIO

Ah!, sim... Você é um poeta divino... é evidente...

PENSEROSO

Sou rico, sou moço, morrerei pouco mais velho que Alvarez de Azevedo... Eu só queria...

MACÁRIO

( o café está pronto / Macário o leva para a mesinha)

Toma... está bem quente... vai tirar você dessa bebedeira...

PENSEROSO

Eu só queria... aquela moça... (afoito) Eu troco por todo o meu futuro, minhas glórias, toda essa ambição imensa, essa sede ferosa da alma...

(Macário não consegue conter Penseroso que sai cambaleando pela sala)

... eu só queria seu peito junto do meu—sua mão na minha. (chora) ela não me entendeu! Não merecia tamanho amor.

MACÁRIO

Toma o café, Penseroso. Você esse sentirá melhor...

PENSEROSO

Toda a imagem que tive dela estava no meu coração e só nele.

MACÁRIO

Hum... hum... bebe o café... depois você já pensará diferente..

PENSEROSO

Eu a fiz bela... mas assim mesmo eu morro por ela. Eu a amo... eu a amo...

MACÁRIO

(vendo que nada daquilo resolve sai a procura de mais alguma coisa / enquanto procura jogando tudo no chão / abrindo gavetas / levantando tábuas / portas de armários / subindo e descendo escadas / indo ao quarto / jogando roupas no chão / Penseroso está falando / até que Macário encontra o que vemos ser amônia )

Não amei nunca outra mulher. No deleite das minhas noites delirantes, você bem sabe, Macário, meu Deus, eu nunca amei!

E por que viver se o coração é morto? Se eu hoje dormisse sobre essa idéia, se eu pudesse adormecer no ócio e no tédio, seria isso ainda viver?

Morrerei! Há doenças que não tem cura.

E seria tão bela a vida se ela me amasse! Ah! por que me traiu!

(Macário constata que é o que precisava – Amônia para trazer ao nariz de Penseroso e acordá-lo / desce rapidamente mas encontra a sala vazia / porta aberta / Macário vai à porta / corre ao meio da rua / não vê mais Penseroso)

## CENA 22

EXT. DIA - RUA

PENSEROSO

( passeando / delira um pouco / tem suor pelo rosto /visões grotescas o sobressaltam / passa a mão pela testa )

Febre... febre...

(abraça-se como se tivesse frio / tremores / pessoas o observam com suspeita / passam ao largo Penseroso as olha e ri)

(para repentinamente e leva a mão á cabeça / dobra-se sobre si / a cabeça dói / do ponto de vista de PENSEROSO o vemos caminhar tendo a vista nublada / pré-desmaio / ele respira com dificuldade / encosta-se ao poste)

Como deora!

O DOUTOR LARIUS

( passando a carro ou cavalo ou charrete/ para e observa PENSEROSO)

Penseroso! Penseroso! Onde vai? Você está muito pálido!

(desce e se aproxima doutoral / bota a mão na testa do PENSEROSO)

Você está com febre!

PENSEROSO

(rindo em delírio leve)

Doutor, bom-dia. Que belo dia, não?

O DOUTOR

(olha para os circundantes que pararam para observar)

É febre! Chamem as enfermeiras...

(alguns saem para isso)

PENSEROSO

Tenho febre... tenho febre, sim... Ponha a mão no meu coração, veja como bate!

O DOUTOR

(o doutor leva a mão ao peito de PENSEROSO e a retira dali muito molhada)

O que é que você fez? (para as pessoas) Onde estão as enfermeiras... alguma ajuda!

PENSEROSO

(já escapulindo das mãos do médico / mesmo que sem forças)

O que tenho; não tenho nada — absolutamente nada. Adeus, doutor.

O DOUTOR

Onde vai? Descansa aqui na sombra. Chamei ajuda... vamos para casa...

PENSEROSO

Sim. Adeus, doutor.

(Vai-se apressado).

O DOUTOR

Penseroso! Penseroso!

**CENA 23**

INT. NOITE. SALA DE CAFÉ

(Num canto da sala, junto do piano, PENSEROSO só com a ITALIANA. Ouve-se o falar confuso partindo de outros lados da sala. Risadas, murmúrios de homens e mulheres que conversam / que jogam / que bebem / riem)

PENSEROSO

(toma da face da ITALIANA)

Ao menos... um olhar de compaixão... (ela desvia o olhar)...

Teu olhar é uma benção...

A ITALIANA

Do que é que está falando?

PENSEROSO

Não é só você quem não me entende.

(levanta-se e mistura vários líquidos de vários corpos num só copo / tira do colete um outro vidrinho e o vira sobre o copo / levanta o cristal e levanta um brinde )

Pobre daquele a quem não compreendem!

A ITALIANA

Por que fala isso? não prometi que fico com você? Não dei eu minha alma, assim como darei meu corpo?

PENSEROSO

( amargo)

Se ao menos um só momento de tua tivesse me amado... ah! que Deus em paga desse instante te dê um infinito de ventura! (vira todo o copo / estala a língua)

A ITALIANA

Penseroso! Que tem? Nunca te vi assim... sombrio... triste. Fala pra mim!

PENSEROSO

Se uma eternidade se pode comprar por um sonho, o meu sonho bem que vale uma eternidade!

A ITALIANA

O teu sonho é o meu—é o nosso amor—a minha vida por ti, a tua vida por mim: nós dois formando um único ser, uma única alma, um mundo de delícias e de mistério só para nós e por nós!

PENSEROSO

e..., depois... acordar!

(lança longe o copo que se quebra / Com os olhos em lágrimas / Sai).

Adeus para sempre...

A ITALIANA

(empalidecendo / agarra a si mesma)

## **CENA 24**

INT. MEIA LUZ - QUARTO DE PENSEROSO

PENSEROSO

(entra / tenso / só)

Ela não me ama. Que importa?

(puxa do cordão de cabelos que carrega no peito / olha / pensa / escreve uma nota e enrola no cordão / beija o rolinho / deposita sobre a mesinha / tem contrações de dor e ânsia de vômito)

Esse amor foi uma desgraça.

(perambula pela sala / vai a uma foto ou pintura tenta pegá-la mas a derruba / foto de homem / depois a foto de uma mulher / derruba tudo)

Meu pai! Minha mãe!

(dobra-se em dores / o sangue sai pela boca / transpira sangue que molha a roupa)

Eu te amei, eu te amei tanto!...

PESSOA 3

( entrando / salta sobre Penseroso / este grolfa sangue e vomita / tosse / sente dores )

Penseroso! O Que tem? Que convulsão!

(Penseroso geme)

Depressa, depressa, chamem alguém...

(tenta erguer a cabeça de Penseroso / coloca um paletó sob a cabeça dele)

Davi! Davi! onde está Davi?

PESSOA 1

Está caçando.

PESSOA 3

E Macário?

PESSOA 1

Tomou ontem uma bebedeira. Está bêbedo como uma cabra.

**CENA 25**

(À porta de uma taverna / MACÁRIO se levanta / limpa-se / trôpego / apalpa as paredes / está bêbedo / cambaleia / O Desconhecido o observa atentamente com um certo sorriso de mofa / constante / depois de um tempo o Desconhecido o toma pela manga e o arrasta até uma janela / Da janela vemos que uma orgia rolou e que as pessoas estão sobre vinho / mulheres / roupas desgrenhadas / o Desconhecido toma da cara de Macário e gruda a cara dele no vidro da janela / sala fumacenta / À roda da mesa estão sentados cinco homens ébrios jogando baralho / Os mais revolvem-se no chão. Dormem ali mulheres lívidas / vermelhas)

Que noite! Que noite! E eu perdendo meu tempo com você!

(o Desconhecido solta um risada e se afasta de Macário que desaba para o chão)

O DESCONHECIDO

Escuta, Macário. Há homens para quem essa vida é mais suave que a outra.

O vinho é como o ópio, é o rio do esquecimento...

A embriaguez é como a morte. . .

(Macário se arrasta pelo chão / tenta se erguer)

Onde vai?

MACÁRIO

Vou atrás de Penseroso. Vou ter com ele.

O DESCONHECIDO

Penseroso morreu.

MACÁRIO

Mataram-no!

O DESCONHECIDO

Matou-se.

MACÁRIO

(agarrado a um poste)

O DESCONHECIDO

(mero deboche)

Criança... (ênfase) Crianças!... Não sabem da vida e já gravitam para a morte. (segura Macário pela manga da roupa com certa dureza e rispidez)

O que te falta, afinal? Ouro em rios? eu darei.

(chacoalha um Macário absorto e um tanto apatetado)

Mulheres? Eu te darei as mulheres virgens, ou as adúlteras ou as prostitutas.

(põe a mão espalmada sobre a cara de Macário que escorrega por ela repuxando a pele / olhos / lábios / mudando as feições / momentaneamente / do rapaz)

Ah! Quer amor? O amor? Tenho aqui donzelas que morrerão por você... Que te falta, afinal?

(o solta rudemente)

MACÁRIO

Vai embora daqui!

(O Desconhecido segura a cabeça de Macário que tenta escapar / O Desconhecido enfia a mão no bolso do jaquetão e retira cinzas / desenha um sinal cainita na cabeça de Macário e o larga / Macário vai ao chão tentando limpar u'a mancha que não sai / O Desconhecido afasta-se / bate no peito, aponta para Macário abre a mão e a fecha como se retirasse algo e Macário e bate no próprio peito / sorri de mofa cambaleando pela rua /

Você é meu. Não te perco de vista. Ouvirá mais facilmente minha voz de dentro da tua carne do que entrando pelos ouvidos.

(Macário desaba finalmente e O DESCONHECIDO se vai pela rua... some na noite...)

Ou

Enquanto atravessa a rua vê uma criança brincando na rua / demora a observá-la e vai direção dela... vira-se para a tela / sorri / e passa mão na cabeça da criança)

(DESVANECE)

FIM